

## “PRÓ SAÚDE”?

Alex Franco

[Artista gráfico e colaborador do grupo Multiplicadores de Visat]

Quem leu meus primeiros textos aqui na Coluna Opinião sabe que meu pai foi metalúrgico do ABC paulista, era funcionário da Mercedes ([veja](#)). Na década de 1960, os empregados desta multinacional foram “presenteados” com um benefício até então um tanto raro, o plano de saúde ou, como se dizia à época, um convênio médico. Não sei precisar as datas, mas me lembro de minha mãe nos levar, eu e minha irmã, a consultas regulares com o pediatra. Devo confessar que os dias de ir ao médico eram agradáveis, qualquer coisa que quebrasse nossa rotina era bem-vinda. Para quem não tinha lá tantas alternativas, um passeio de ônibus com roupa de missa após um banho fora de hora até que valia a pena.

Em 27/06/2022, em uma das reuniões do nosso GE, para além de todo conhecimento trocado e regado a generosas doses de emoção, houve um momento em que o professor Fadel, recordando seu tempo de pediatra de consultório, lembrou o fato de tais profissionais, desde sempre, receitarem “remédios” às crianças que não padeciam de nenhuma doença. Daí a conexão que gerou este texto. Em relação a essas consultas de rotina a que eu e minha irmã éramos “ submetidos”, lembro com clareza, que minha mãe sempre saía delas com receitas daquilo que na época era chamado de “fortificante”, outra situação assinalada pelo Fadel durante a reunião. Adorei quando ele mencionou que receitava poemas para que as mães não saíssem das consultas de mãos abanando.

Passando pela farmácia na volta do médico, chegávamos em casa com um pacotinho de papel pardo (as sacolinhas plásticas ainda não haviam dominado o mercado de transporte varejo/residências) contendo produtos farmacêuticos que, certamente, eram fabricados por outras multinacionais que não as metalúrgicas. As embalagens, livres de regulamentação naqueles tempos, eram compostas por imagens de crianças alegres e felizes, brincando em verdejantes gramados idílicos. Importante para mim hoje poder problematizar este assunto, minha mãe ficava muito feliz em poder nos “fortificar” com estes “remédios”, ficava muito feliz, também, em poder usufruir de um privilégio a nós concedido pelo fato de meu pai ser funcionário de uma mega empresa. Havia um orgulho implícito na nossa situação socioeconômica, um chefe de família com emprego regular e, melhor ainda, em uma empresa que concedia “benefícios” aos empregados. Tenho vagas lembranças de minha mãe comentando com vizinhos e parentes o quanto éramos privilegiados. Naturalmente o precário atendimento à saúde oferecido pelo Estado à época deixava qualquer pessoa que tivesse um cuidado diferenciado muito feliz. E não é que, aos poucos, pelo menos lá em casa, o Biotônico Fontoura foi perdendo espaço. Hoje eu entendo, ou pelo menos pretendo entender, o encaixe das engrenagens que desde sempre moveu o tratamento dado aos trabalhadores. Ainda que houvesse algum grau de preocupação com a saúde dos empregados e seus familiares, afinal, trabalhador doente não produz, a verdade é que o mecanismo do capital enxergava longe, já divisava os dias de hoje. Dias onde o capital administra a relação cura/doença, impede recuperações efetivas e mantém as pessoas dependentes de medicamentos. Este é um tema digno de tese e, embora eu tenha começado a escrever este texto em junho de 2022, estou finalizando apenas em 02/10/2023. Faço isso após ter assistido à defesa de tese de doutorado do companheiro João Stacciarini que, não apenas dialoga perfeitamente com essa minha passagem lá da infância, como aprofunda fortemente o tema levantando dados e revelando informações relevantes para quem deseja desenvolver uma visão crítica e realista de nosso momento histórico. Sua tese denominada *A Consolidação do Setor Farmacêutico na Economia Global: crescimento, influência, desvios e marketing*, defendida na Universidade Federal de Goiás, em breve estará disponível. Deixo aqui meus parabéns a ele pelo trabalho e faço questão de registrar minha admiração. Como fato irônico dessa história, vale citar o nome da empresa conveniada da Mercedes e que, inclusive, usei aqui como título. Sim a marca estampada em nossas carteirinhas era “Pró Saúde”, por isso eu pergunto, pró saúde de quem, cara pálida?



OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.